

Autran Dourado, leitor de Camões

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Marchezan¹ (UNESP)

Resumo:

*Um leitor troca os enunciados que lê com as idéias fomentadas no âmbito da sua leitura. As funções discursiva e narrativa da intertextualidade são as de, com um dado efeito de sentido, atravessar os processos de composição de uma obra e interferir na sua produção e leitura. Um leitor eventual poderá ou não localizar tais intencionalidades. O soneto de Camões “Um mover de olhos, brando e piedoso”, intervém no texto e leitura do conto de Autran Dourado, “O herói de Duas Pontes”, do livro **O senhor das horas** (2006), assim como outro, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, além de uma oitava, “Depois que a clara Autora a noite escura”. O método que elegemos para a análise deste trabalho é o comparativo, com o qual buscaremos um diálogo entre variantes de um mesmo paradigma presente em duas literaturas nacionais.*

Palavras-chave: literatura brasileira, literatura portuguesa, teoria literária, conto, intertextualidade.

A ficção de Autran Dourado volta-se para memórias e com método. **O senhor das horas** (2006), seu último livro de contos, traz, conforme o autor já observou acerca da sua prosa em **Uma poética do romance**, não apenas suas “[...] memórias imaginárias, mas um livro de memória, um livro temporal, o que não quer dizer cronológico”. (DOURADO, 1973, p.68). Dessa maneira, conforme a mesma poética, diz-nos também o autor que: [...] tem a pretensão de exigir do leitor mais de uma leitura, a fim de que ele ‘arranje’ dentro de si uma linha narrativa própria, em que encontre o desenho do livro [...]”. (DOURADO, 1973, p.68-9)

Os temas e motivos de Autran Dourado (1973, p.113-4), os preferidos, são os memoráveis, com os quais trabalha “por blocos mais ou menos soltos e autônomos”, ligados “por aproximação e contigüidade ou identificação emocional do tônus”. Após trinta e três anos desta sua concepção de processo criativo, revelada em **Uma poética do romance** (1973), recentemente reafirmou-a numa entrevista à **Revista Alpha**, mostrando-nos que em **Risco do bordado** (1970) firmara “o processo de unidade em blocos”. (2006, p.157)

Como se vê, o ficcionista tem um método de composição que trabalha em seus livros temporais. Ensinou-nos, em **Uma poética de romance** (1973), como identificou e narrou, por blocos, os seus temas ou motivos memoráveis; por justaposição, momento em que, para o autor: “O micro devia obedecer ao mesmo modelo do macro, um devia ser consequência do outro. O intrincado tecido”. (DOURADO, 1973, p.114) O método constitui-se numa maneira tanto de ler como de escrever, produto de uma experiência plural, de leitura e escritura. O método, assim, para nós, em Autran Dourado, compõe sua escolha, por justaposição, para escritura e leitura de suas narrativas que privilegiam a memória: em blocos, por determinadas partes, determinados caminhos, tendo em vista um todo desenhado, o “intrincado tecido” de histórias expostas ao tempo.

O senhor das horas (2006) conta com uma voz narrativa que retoma, com traços líricos e épicos, o universo de Duas Pontes, já situado em **O risco do bordado** (1970). O livro é composto de seis contos, todos, envolvidos com Duas Pontes. Duas Pontes é uma cidade imaginária, um macro-universo, espaço ficcional de um passado que envolve as personagens do ficcionista. O nosso comentário do livro firmar-se-á num dos seus contos, o mais longo, com cerca de oitenta páginas, última narrativa da coletânea: “O herói de Duas Pontes”.

O memorialismo, dessa forma, na obra do ficcionista mineiro, constitui-se, de acordo com Helder Macedo (1992, p.9), num processo de “auto-referenciação textual”, ou, “na representação literária do processo de composição” da memória: representa, isso sim, a intervenção, na narrativa de Autran Dourado, de um eu autoral, das suas observações no tempo.

Aos 80 anos, com um livro de contos que mais uma vez celebra o tempo, Autran Dourado retoma, de acordo com Benjamin (1975, p.73), “um cerne histórico de linhas mestras”, que sustentam sua “memória épica”, uma “memória eternizante”, dedicada a lembrar seus heróis consagrados nos seis contos de **O senhor das horas** (2006).

O narrador de Autran Dourado trabalha sua “memória épica” a partir de um pensamento em fluxo, organizado pelo discurso indireto livre, que procura tanto transfigurar as verdades narradas, trazidas pela lembrança, como ampliar o modo justaposto como o ficcionista elabora suas histórias memoráveis, por meio de seus preferidos “blocos mais ou menos soltos e autônomos”. (1973, p.113-4) Para o narrador de Autran Dourado, delegado da voz autoral, e senhor das horas, dá-se a narração justa quando, de forma singular, ele consegue, na linha do tempo, evocar seus protagonistas. Para isso, notamos bem, sua figura é sobredeterminada pelo modo como o escritor, sujeito, funde nele, para a ação da sua função autoral, as de autor textual, aliando sua imaginação autoral com as de autor empírico, com observações de tipo memorialista, ao lado, ainda, das do leitor que é, no caso, dos sonetos de Camões. Desse modo, na materialidade do texto de **O senhor das horas** (2006), lemos referências de outra literatura, a portuguesa, que dinamizam, por meio do efeito sintático da justaposição e com “a identificação emocional do tónus” (DOURADO, 1973, p.113-4), os propósitos dos contos de Autran Dourado. Passamos, assim, por meio do procedimento da intertextualidade, a ler também relações entre textos de literaturas diferentes.

Um leitor troca os enunciados que lê com as idéias fomentadas no âmbito da sua leitura. As funções discursiva e narrativa da intertextualidade são as de, com um dado efeito de sentido, atravessar os processos de composição de uma obra e interferir na sua produção e leitura. Desse modo, para ficarmos com Tynianov (1973, p.108), o autor que opera uma intertextualidade faz-se no primeiro leitor do fato literário, da ação narrada já realizada e presente noutra série literária, outra obra, para, na sua obra e com valores intertextuais, retomá-la. Um leitor eventual poderá ou não localizar tais intencionalidades. O soneto de Camões “Um mover de olhos, brando e piedoso”, intervém no texto e leitura do conto de Autran Dourado, “O herói de Duas Pontes”, do livro **O senhor das horas** (2006), assim como outro, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, além de uma oitava, “Depois que a clara Autora a noite escura”. Trata-se dos três “tónus”, que acentuam, com o humanismo camoniano, o ritmo daquele conto de Waldomiro Autran Dourado.

O soneto camoniano em questão, o primeiro entre os citados e mais comemorado, exprime, pela representação dada ao olhar, o estado concreto de um ser na indefinição que o envolve e, para isso, sua poesia valoriza o mundo dos sentidos na forma como é sentido pelo vivente, o que marcadamente transparece por meio da presença do artigo indefinido no interior do soneto. O conto de Autran Dourado, “O herói de Duas Pontes”, cita, de forma esparsa, os quatro primeiros versos daquele soneto, deixando-nos, elíptico, o início do segundo verso: “Sem ver de quê”. (V. ANEXO)

Desse modo, Camões planifica para a enunciação, por meio do bloco do primeiro quarteto dos seus versos, o modo como Oriosvaldino Cunegundes Marques de Souza Veras, o herói de Duas Pontes, deparar-se-á com suas primeiras relações afetivas – as dele com a mãe, Margarida e com a primeira professora, amiga da mãe, Ordália.

Oriosvaldino passa a observar a mãe quando percebe a atenção dela para ele dividida com a gravidez da irmã, Maria da Glória:

O filho via a barriga da mãe crescer, ela lhe explicou mais ou menos o que era. Com a gravidez, a mãe foi ficando mais pesada, os olhos se tornavam cada dia mais mansos e mornos, de umas ausências sonhosas. Oriosvaldino não se cansava

de mirá-la, se perdia nas visagens das fantasias, embarcava nas nuvens do olhar verde e divagoso da mãe. Era **um mover brando de olhos**, um sorriso boiando no ar, mesmo ele tendo parado de sorrir. (DOURADO, 2006, p.93. grifo nosso)

Trata-se do primeiro momento em que Oriosvaldino, com seus olhos fantasiosos, mostra-se atento para o afeto, o que sente, e pela mãe, a partir, primeiro, do mover do olhar da mãe, “verde e divagoso”, nos seus olhos “mansos e mornos”. O segundo advirá com o seu ingresso na Escola Verbo Divino e da aproximação com sua primeira professora, Ordália, a mestra da preferência da sua mãe. De Dona Ordália terá o sorriso que lhe dará a confiança depositada, até então, somente na mãe:

Dona Ordália sorriu para Oriosvaldino, lhe estendeu a mão branca, leitosa. O menino apertou-a, sentiu o seu quentume. A brancura e o calor daquela mão, mais **o sorriso brando e honesto, de qualquer alegria duvidoso**, de uma certa maneira lhe lembravam a mãe. Ele sorriu para ela também. (DOURADO, 2006, p.103. grifo nosso)

Ordália, no primeiro dia de escola, na situação acima representada, após conhecê-lo, socorreu-o, quando o protagonista, de medo, urinou nas calças. A professora trocou sua roupa; depois, apresentou-o aos colegas e à servente, Mafalda, colocando-lhe, a seguir, no pátio com os demais alunos. Oriosvaldino, assim, “sem ver de quê”, teve, fora de casa, sua primeira grande lição de vida.

Para um ficcionista metódico, “o narrador é uma espécie de conselheiro do seu ouvinte”. (BENJAMIM, 1975, p.65) O ouvinte, leitor de Autran Dourado, deve considerar, ainda no interior do conto “O herói de Duas Pontes”, conforme dissemos, a presença de mais um soneto de Camões – “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, ao lado de uma oitava – “Depois que a clara Aurora a noite escura”, também presente, com sua décima terceira estrofe. Trata-se do segundo bloco, autônomo e que, mais uma vez, motiva a narrativa do conto. (V. ANEXO)

O Camões voltado para a máquina do mundo, lembrado pelo pai de Oriosvaldino, Antonio Joaquim, ressalta a forma dissimulada do comportamento do pai do protagonista – autoritário, monarquista – para quem as coisas mudam a fim de que tudo continue como está, ou, para contrariar o soneto, como quer o senhor Joaquim: os tempos mudam, no entanto, as vontades não, nem o ser nas suas qualidades. Oriosvaldino, desse modo, cresce entre os ternos cuidados da mãe, próximos ao de Ordália, a professora, e os ferrenhos conselhos do pai, próximos aos do diretor da escola, o major Américo. Natália, o seu grande amor, é quem, na verdade, de forma surpreendente e dura, ensina-lhe que a vida, como o amor, muda e indica-lhe, conforme versos da Oitava aventada, “dar proveitosos desenganos dos enganos que são de Amor efeitos”; transmite-lhe, no caso, que o que é vivo toma novos rumos e inesperados; que há na vida enganos e que isso tudo entende aquele que presta atenção à mudança dos tempos. Os valores dos ensinamentos de Natália, ordenados pelos versos da Oitava comoniana, reordenam as verdades do segundo soneto, distorcidos pelo pai do protagonista. No entanto, por mais que Oriosvaldino converse com o leal amigo Francisco; por mais que ambos confabulem com o anarquista Giuseppe Fuoco, o herói de Duas Pontes, por si só, continuará “sem ver de quê” os tempos se impõe. Mergulhado nos negócios do pai, faz algo diferente na vida, quando, com Francisco, filia-se, por Minas Gerais, à Revolução Constitucionalista e nela morre. Francisco, muito tempo depois, revelará ao querido médico de Duas Pontes, o doutor Viriato, que o amigo morreu no front sem ao menos saber destravar o seu fuzil.

Temos, assim, o conto de Autran Dourado, “O herói de Duas Pontes”, como o texto centralizador dessa discussão; ele atrai para o seu interior a poesia de Camões; cita-a, ora confirmando, ora alterando o sentido do texto citado¹, utilizando-se dos seus argumentos para a

¹ Conforme pensamento de Fiorin (1994, p.30), que assim define a citação como um dos três processos de incorporação de um texto por outro.

disposição de dois efeitos de sentido no interior do conto: o do patético e o da ironia. Dá-se de forma patética, comovida, a maneira como Oriosvaldino relaciona-se com a mãe e a professora; de forma irônica, dissonante, a maneira como se estabelece sua relação com o pai, Joaquim, e a namorada, Natália.

O intertexto, dessa maneira, como vemos, faz-se, em blocos, um operador de leitura dos níveis narrativo e discursivo do conto, em momentos de paralelos entre culturas.

Diz-nos também Benjamin (1975, p.75) que: “Quem presta atenção a uma estória, está em companhia do narrador; mesmo aquele que a lê participa dessa companhia”. (1975, p.75) E diz, também, de forma exemplar: “O narrador é a figura na qual o justo se encontra”. (1975, p.81)

Oriosvaldino, para a narrativa, é um herói de Duas Pontes, na medida da memória do narrador e nos limites que traça para o caráter do protagonista. O seu esforço está em evocar esses limites, trabalhados com o método do discurso citado por intertextualidade. O patético e o irônico inventam comportamentos que dão ao narrador a justa medida que estabelece para a narrativa sua “medida épica”, entre duas pontes: uma que nos direciona para o espaço ficcional do passado e outra que nos faz voltar do passado para o presente, num jogo entre pontes de memória, em situações justapostas, em blocos, com episódios em que o patético e o irônico substituem as certezas inarredáveis de um herói de épicas memórias.

Autran Dourado, como dissemos, é um ficcionista metódico, que seleciona suas memórias imaginadas, assim como as de leitura; mostra-se dependente de método e de memória: sua ficção, justaposta em blocos narrativos, resiste ao tempo; revela-se importante para a interpretação que sempre faz de dois valores caros à existência: o do amor e o da morte. Autran Dourado, por meio de um conto de memória, centrado em Duas Pontes, ilustra-nos, de forma subliminar, como do seu gosto, uma concepção de mundo e da nossa condição humana: somos, como habitantes desse mundo, embora, muitas vezes, “sem saber de quê”, um estoque de experiências vividas, que, uma vez considerado, e com sorte, pode nos descobrir, o que não aconteceu com Oriosvaldino Cunegundes.

O ato metódico de Autran Dourado em escrever uma narrativa, organizando-a mediante situações justapostas e no âmbito de representações do memorável, leva-o a aproximar o seu conto da sua biblioteca, lugar de suas memórias de leitura e em que as histórias que elabora encontram o seu duplo.

O duplo é um conceito genérico e que dá, no caso, ao ficcionista, a possibilidade de um parâmetro para expressar paixões, juízos. Temos, dessa maneira, o duplo como um lugar de observações acerca de questões enunciativas, narrativas e discursivas, envolvidas com continuidades e descontinuidades, justaposições, a fim de tramar como Oriosvaldino, de modo sempre passional, descobre a vida, o amor e a morte. Autran Dourado, leitor de Camões, trama, de acordo com Foucault (1992, p.67) com “campos discursivos”, uma “relação que não é idêntica à relação que um texto qualquer mantém com o seu autor imediato”.

Lemos, desse modo, no volume do conto, nas suas partes constituintes, o operar do texto citado. No pensamento de Foucault, a literatura trabalha a linguagem de uma maneira que lhe possibilita fazer duplicações e operar com vozes de autorias diversas; o livro, para o teórico francês, é “o espaço da consagração das palavras” (MACHADO, 2000, p.142), situação em que o já dito vai ao encontro da literatura a ser dita. A literatura, para Foucault (MACHADO, 2000, p.154), tem linguagem de livro: “[...] é uma linguagem transgressiva, mortal, repetitiva, reduplicada: a linguagem do próprio livro”.

Desse modo, o que vimos com o que lemos? Uma obra literária viva representando alguém, um protagonista, possivelmente já morto para a narrativa, que acabou de lembrá-la, por meio de paixões que são as nossas, reconhecidas na leitura celebrada por palavras de livros diversos.

Anexo

SONETO 97 (30-35)²

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê, um riso brando e honesto,
Quase forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravíssimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente sofrimento:

Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

SONETO 45 (53-57)³

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve ...) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi[m] converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Depois que a clara Aurora a noite escura (Fragmento)⁴

[...]

Para dar proveitosos desengano
dos enganos que são de Amor efeitos,

² CAMÕES, L. In: GRÜNEWALD, José Lino. **Luís de Camões Lírica**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 63, 1992,

³ CAMÕES, L. In: GRÜNEWALD, José Lino. **Luís de Camões Lírica**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 37, 1992.

⁴ **Jornal de Poesia**. Disponível em: < <http://www.secrel.com.br/jpoesia/camoes127.html> >. Acesso em: 06 janeiro 2008.

e dos dous sexos publicar, humanos,
a origem das mudanças de seus peitos;
estas letras aqui por longos anos
digam a corações a amar sujeitos
em peito varonil, que de ventura,
em peito feminino, que da natura...
[...]

Referências Bibliográficas

DOURADO, A. **O senhor das horas**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

_____. **Uma poética de romance**. São Paulo: Editora Perspectiva/INL, 1973

_____. Entrevista com o autor. Entrevistador: Alexandre Nascimento Mograbi. In: Dossiê Autran Dourado 80 anos. **Alpha**. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas, Patos de Minas, n. 7, p.154-158, 2006.

BENJAMIM, W. **O narrador**. São Paulo: Editora Abril, 1975. (Os pensadores)

FIORIN, JL. Polifonia textual e discursiva. In: PESSOA DE BARROS Luz, Diana e outro (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, p.29-36, 1994.

FOUCAULT, M. Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.139-174, 2000.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

MACEDO, H. As ficções da memória. In: Arêas, Vilma e outras (Orgs.) **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, Campinas, n. 12, p.9-13, 1992.

TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: TOLEDO, D.O. (Org.) **Teoria da literatura**. Formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo, p.105-118, 1973.

¹ **Luiz Gonzaga MARCHEZAN, Prof. Dr.**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP.

lgmarchezan@uol.com.br